

Os caminhos do Profeta: a autobiografia de Samuel Wainer em *Minha razão de viver*

Luis Carlos dos Passos Martins*

Resumo: O presente artigo aborda a autobiografia de Samuel Wainer, publicada no livro póstumo “Minha razão de viver”. Pretende-se analisar a ótica assumida pelo autor no relato de sua vida, considerando-se os constrangimentos formais derivados da sua intenção em narrar a sua vida em uma história (ilusão biográfica, conforme Bourdieu); os constrangimentos estruturais derivados da origem e da trajetória social de Wainer que estão presentes em sua narrativa, empregando as noções de *habitus* de classe e de trajetória social de Bourdieu; e, por fim, as possibilidades do texto em questão como fonte de pesquisa, levando em conta que esse, mesmo apresentando um ponto de vista particular sobre o universo que retrata, é um relato muito rico a respeito do mesmo.

Palavras-chave: Autobiografia. Vargas. Imprensa. Bourdieu.

Profeta era a forma carinhosa como Vargas se referia ao jornalista Samuel Wainer, fundador da rede de jornais Última Hora. O apelido foi criado por Getúlio em uma conversa particular com Samuel, às vésperas de sua posse como presidente eleito em 1950.

* Doutorando no Programa de Pós-Graduação em História da PUCRS. Contatos: luismart86@terra.com.br.

Era uma alusão ao seu primeiro nome, de inspiração bíblica, e a sua ascendência judaica.

Apesar da grande afinidade que ambos demonstravam nesse período, os dois haviam-se aproximado apenas no início de 1949, quando Wainer tentou entrevistar Vargas, então recluso na Fazenda Itu, em São Borja. Mesmo sendo uma tarefa difícil, o jornalista foi bem sucedido porque o ex-presidente estava disposto a falar e, na entrevista, anunciou a sua nova candidatura à Presidência da República através da célebre frase: “Eu voltarei como líder das massas”.

A entrevista foi a origem de uma reportagem bombástica e da forte relação entre Samuel e Getúlio, apenas abalada pela investigação que se estabeleceu sobre a *Última Hora*, jornal criado com o objetivo de ser a expressão do getulismo na imprensa, no retorno de Vargas ao Catete.

O sucesso do jornal – que atingiu recordes de tiragem e se expandiu em uma rede de sete periódicos – tornou Wainer, contudo, não apenas um instrumento político de Getúlio, mas também uma ameaça à posição dos “barões da imprensa” brasileira. Esses “barões”, geralmente hostis a Vargas, viam-se agora frente a um ousado jornalista cujos periódicos, além de apoiarem o presidente, arrebatavam leitores, abocanhavam anunciantes e, suspeitava-se, haviam-se tornado o objeto preferencial dos favores oficiais.¹ Não é de surpreender, então, que essa situação desse margem a uma virulenta campanha dos grandes proprietários de jornais contra Wainer e Vargas, capitaneada pelo maior algoz do presidente, o jornalista Carlos Lacerda.²

O resultado desse processo não foi positivo para Getúlio. Afora as acusações que Lacerda lançava no ar pela *Rádio Globo* e pela *TV Tupi*, uma CPI foi instalada e, nela, algumas questões delicadas para Samuel e Vargas foram muito exploradas – como o empréstimo concedido pelo presidente do Banco do Brasil, Ricardo

Jafet, ao *Última Hora*.³ Disso tudo resultou, além da prisão de Samuel pela acusação de falsidade ideológica – por não esclarecer a sua verdadeira naturalidade –, o seu afastamento de Getúlio.

Wainer, todavia, conseguiu evitar o prejuízo maior: o fechamento de seus jornais. Sua rede sobreviveu, dentre outras razões, porque tornara-se um sucesso comercial e, deste modo, podia dispor de recursos financeiros próprios para se manter, ao menos parcialmente. Ele também continuou a dar apoio ao presidente, mesmo longe do Catete, e ainda auxiliou os aliados que o sucederam, como JK e Jango, mantendo grande poder de influência na política brasileira, até o golpe de 64.

A autobiografia de Samuel Wainer foi publicada na década de 80, depois de sua morte. O depoimento original foi gravado pelo autor e confiado ao jornalista Augusto Nunes, que organizou a sua publicação em livro.⁴ Tanto pela circunstância em que foi elaborado, quanto pela riqueza de seu conteúdo, trata-se de um documento importante para compreendermos a criação do jornal *Última Hora* e muitos acontecimentos fundamentais do Segundo Governo Vargas.

Entretanto, este texto é relevante por outros motivos. Na apresentação que escreveu para o livro, Pinky, a filha mais velha de Wainer, comenta que as diferentes etapas do relato possuem “um traço comum: a completa ausência de censura” (WAINER, 2003, p. 11). A leitura do livro revela, com efeito, vários momentos de auto-exposição do autor. Além disso, como foi publicada apenas após a sua morte e, especialmente, por ser obra de um homem que apresenta uma visão muito perspicaz dos diversos espaços sociais em que transitou, a narrativa de Wainer fascina pela riqueza e pela sagacidade com que representa esses universos. Não é para menos que tem sido empregada em muitos trabalhos acadêmicos.

Estas considerações, no entanto, levam-nos à seguinte questão: como podemos tratar esse relato autobiográfico como fonte

de pesquisa? Tradicionalmente, as respostas a esta pergunta têm oscilado entre duas alternativas opostas: de um lado, o livro de Wainer é tomado como um reflexo da realidade retratada e, desta maneira, a visão que o autor apresenta de seu mundo e de seus atos é considerada como *a verdade*; de outro lado, essa visão é tida como parcial e, assim, o pesquisador assume como tarefa revelar os seus equívocos frente à suposta *realidade* a que se refere.

Não cabe, nos limites deste ensaio, apontar todas as fragilidades dessas formas de abordagem. Desejamos apenas afirmar que nosso trabalho tentará fugir dessa dicotomia, procurando apresentar alternativas teórico-metodológicas que permitam compreender melhor o texto propriamente dito e que possam reativar sua riqueza como fonte de pesquisa.

Para tanto, partiremos da afirmação de Ângela de Castro Gomes, segundo a qual a relevância do trabalho com documentos enquadrados na condição de “escrita de si” está não em comprovar a sua verdade ou a sua falsidade, mas em considerar a “ótica assumida pelo registro e como o seu autor a expressa” (GOMES, 2004, p. 15). Em nosso caso, iremos analisar a perspectiva assumida por Wainer no relato de sua vida à luz dos constrangimentos formais e estruturais que condicionaram a sua maneira de ver e de expressar a realidade, os quais ainda podem ser recuperados no texto que chegou até nós.

Como constrangimento formal, estamos considerando a própria iniciativa de escrever uma biografia com base na noção de ilusão biográfica de Pierre Bourdieu (1996), ou seja, o ato de se propor a contar a sua história de vida pressupõe exatamente que esta possa constituir uma história comportável em um relato. Mais do que isso, quem se dispõe a narrar a sua biografia normalmente procura “dar um sentido” à sua existência, tornando-se o “ideólogo de sua própria vida, selecionando, em função de uma intenção global, certos acontecimentos significativos e estabelecendo entre eles conexões para lhe dar coerência” (BOURDIEU, 1996, p. 184).

Em consequência, a auto-representação que disso resulta tende a se tornar uma justificativa das ações passadas, independentemente da consciência que o narrador tenha a esse respeito.

Quanto aos constrangimentos estruturais, nossa ênfase será nos espaços sociais de origem e de inserção profissional do autor, que atuam em seu relato através das categorias com que ele pensa e reflete sobre esses universos. Nesse caso, não se trata de reduzir o texto ao contexto social. Ao contrário, nosso objetivo está em recuperar a presença desses constrangimentos estruturais na própria narrativa, como elementos que a constituem e que lhe dão sentido, mesmo sem determiná-la. Utilizaremos, para tanto, as noções de *habitus* de classe e de trajetória social de Bourdieu, pretendendo indicar como a autobiografia de Wainer é uma expressão particular de sua origem e trajetória sociais, ou seja, está amplamente marcada por sua condição de judeu de origem pobre que chegou até o círculo fechado dos “barões da imprensa” e da antecâmara do Palácio do Catete por intermédio de sua ascensão como jornalista.

De outra parte, tentaremos, no mesmo movimento analítico, explorar o próprio texto de Wainer como fonte de pesquisa. Isso significa que, embora se aceite que o seu relato constitua uma visão singular do universo político-jornalístico de seu tempo, consideramos que ele oferece um ponto de vista privilegiado para a compreensão desse universo.

Esses objetivos foram desenvolvidos em conjunto na análise do texto, cuja exposição está dividida em três etapas, contendo a forma como o autor representa: a) a si mesmo; b) a Vargas e a sua aproximação com o presidente, e c) à criação do jornal *Última Hora*. Ainda que analisadas em separado, essas etapas formam uma unidade na narrativa em torno do eixo central que a unifica, a saber, o projeto de criação do jornal – nas palavras de Wainer, a “sua razão de viver”.

Os caminhos do Profeta

Nascido provavelmente em 1912,⁵ “o menino judeu pobre do bairro Bom Retiro (SP)”, como o próprio Wainer se autodenominava, foi obrigado a superar os limites que uma infância de privações impõe a quem deseja se tornar um jornalista de sucesso. Desses limites, Samuel destaca a falta de uma instrução formal mais sólida que lhe deixou como “herança” uma dificuldade em “escrever bem”, e a ausência de uma cultura geral.

Frente a essa realidade, restou a Wainer apostar em seu futuro profissional como alternativa para ascender socialmente. De todos os aspectos que ele relata sobre si mesmo, o que mais salienta, aliás, é o seu envolvimento com a profissão de jornalista, o qual é retratado na forma de uma vocação.

Wainer afirma que, desde a sua juventude, quando vai procurar colocação no Rio de Janeiro, então Capital Federal, já reconhecia essa “vocação” (WAINER, 2003, p. 45). Seu relato biográfico é rico em exemplos dessa vocação e de sua entrega visceral aos projetos profissionais, que o levavam a ficar dias sem dormir ou comer direito. Comenta, inclusive, que não deixou de trabalhar nem mesmo quando seus pais morreram. “A morte jamais afetou a minha rotina” (WAINER, 2003, p. 41), recorda, mais em tom de orgulho do que de lamento.

Essa vocação profissional também estava associada a outras qualidades, como o esforço incomum e o talento pessoal para enfrentar as dificuldades que a profissão lhe apresentava (WAINER, 2003, p. 132). E são esses elementos que o autor apresenta para justificar a sua trajetória ascendente no meio jornalístico. Além disso, como acompanham todo o relato, esses aspectos são particularmente úteis para dar uma idéia de unidade à sua biografia, como se dissessem que o seu futuro – o de ser um jornalista de sucesso, criador da Última Hora – sempre estivera em germe no passado.

Esses mesmos aspectos, porém, são próprios à visão de mundo de um homem que, a partir de uma origem pobre, conseguiu ascender socialmente através de sua profissão, encontrando e enfrentando pelo caminho os membros bem-nascidos e bem-instruídos da elite, em um período em que as técnicas jornalísticas ainda se imbricavam com as “virtudes” literárias. Neste último caso, a própria ênfase que Samuel dá ao esforço e ao talento como repórter no lugar da cultura geral e do “dom da escrita” como razão de seu sucesso surge em sua narrativa como um eco distante dos conflitos internos ao campo jornalístico brasileiro. Ainda em constituição na década de 1950, tal espaço iniciava uma profunda transformação, abandonando um estilo mais opinativo e literário para outro orientado pelos princípios comerciais da imprensa anglo-saxônica, com maior destaque para a informação, para o entretenimento e para o texto acessível, do que para a opinião e para o texto bem escrito.⁶

Entretanto, essa transformação ainda estava no nascedouro e, conforme evidenciam algumas análises, os princípios do jornalismo opinativo eram predominantes.⁷ Isso também fica explícito no relato de Wainer quando ele confessa o seu constrangimento frente ao texto escrito (WAINER, 2003, p. 153) e o seu constante desconforto e humilhação perante os seus pares mais cultos e refinados do que ele. Particularmente interessante, é a forma como o jornalista se sentiu diminuído quando comentou com os barões da imprensa a sua intenção de fundar um jornal, e a maneira como relata o desdém que eles demonstraram por seu sucesso, ao preferirem “zombar do judeuzinho que tivera a pretensão de ocupar seu próprio espaço na imprensa brasileira” (WAINER, 2003, p. 143), como ele mesmo recorda.

O autor, contudo, não se deu por vencido. Se a sua infância pobre lhe deixou como marca o ressentimento com a falta de cultura,

ela lhe proporcionou um grande sentimento de orgulho. Samuel relata que a sua mãe, mesmo nos momentos mais difíceis, nunca perdeu a dignidade. Também recorda que o pai, imigrante judeu com razoável educação, apesar de ter de se adaptar ao emprego de caixeiro-viajante, nunca se conformou com uma posição social inferior às suas pretensões: “Durante a vida inteira ele acreditou que um dia enriqueceria, numa vingança final contra as humilhações que sempre o incomodaram. Não enriqueceu, mas soube manter a dignidade” (WAINER, 2003, p. 41).

Desta forma, se a origem social de Samuel nos permite compreender por que ele sempre se sentiria um “intruso” entre os bem-nascidos, o orgulho que guarda consigo e a consciência de “estar fora do lugar” fazem com que aproveite o prestígio de seus jornais não só para freqüentar a alta sociedade carioca, mas também para afrontá-la. A afronta à elite, por exemplo, é a tônica do relato que faz de seu casamento com Danuza Leão, moça bela e cobiçada, cuja opção por Wainer é retratada como uma vitória frente à sociedade que o rejeitava.⁸

Em suma, notamos que tanto a unidade que o autor procura dar à sua história de vida, quanto a visão que apresenta de sua inserção no universo político-jornalístico estão profundamente marcadas por sua origem e por sua trajetória sociais. Até mesmo nos momentos de glória, quando relata as suas conquistas mais importantes, estes elementos estão presentes, dando sentido a cada acontecimento, por mais distante que esteja do passado. É o que encontramos, por exemplo, quando, logo à vitória de Vargas, relata o desejo do presidente em lhe recompensar o apoio na campanha. Wainer apenas respondeu: “- Presidente, se o senhor soubesse de onde saí, se conhecesse o caminho que eu percorri até chegar à beira dessa cama para participar deste momento histórico da vida do país, saberia que não me deve nada. Sou eu que lhe devo tudo” (WAINER, 2003, p. 17).

“Um autêntico líder popular”

Feita a análise da imagem que Wainer apresenta de si mesmo, iremos agora avaliar a forma como Getúlio aparece no relato. Inicialmente, devemos considerar que a presença de Vargas, embora essencial, não deixa de apresentar inconvenientes. Wainer foi um dos jornalistas perseguidos no Estado Novo, ao estar na “resistência” ao regime e recordar que via no Vargas dessa época “a encarnação do mal, o grande adversário a combater” (WAINER, 2003, p. 70). Desta forma, a sua associação com Getúlio não deixou de gerar muita desconfiança, pairando sobre ela a grave suspeita de oportunismo.

Na narrativa de Wainer, a imagem, ou melhor, as imagens de Getúlio fogem de qualquer idéia de “encarnação do mal”, visão a qual o autor atribui aos “olhos do jovem jornalista” (WAINER, 2003, p. 70) que ele fora no passado.

Uma das imagens de Vargas no texto é a do espaço privado, da intimidade que Wainer compartilha com o presidente. Nesse universo – normalmente situado na Fazenda Itu, onde Vargas aparece com sua pilcha, ou no quarto presidencial do Palácio do Catete, onde ele traja seu pijama – encontramos um Getúlio cordial e bonachão. É também um Vargas “honesto” e “modesto”, em especial no trato com o dinheiro. Mas, acima de tudo, ele é um amigo sincero e fraternal, características que Samuel atribui à sua condição de “fronteiriço” (WAINER, 2003, p. 124).

Em contraste com a vida doméstica, o Getúlio da vida pública é retratado especialmente por sua enorme “esperteza” em conduzir as negociações políticas. Como relata Samuel: Vargas “passou a encarnar, aos olhos do povo, a imagem do brasileiro esperto, o malandro simpático que sempre [...] passava a perna nos outros, criando armadilhas que desorientavam e derrotavam os adversários do momento” (WAINER, 2003, p. 124).

Para fugir dos prejuízos que essa fama de esperteza poderia trazer à imagem do presidente, Wainer se vale dos objetivos da malandragem de Getúlio: Vargas não a usa em benefício próprio, mas sim para a conciliação política ou para enganar os “poderosos”, sempre agindo em prol do povo, a sua causa maior.

Essa associação quase que espontânea entre Vargas e o “povo”, de fato, é um forte traço nas referências à sua relação com o presidente. Getúlio é seguidamente descrito como “um autêntico líder popular”, reconhecido pelo “povo” como “seu líder” (WAINER, 2003, p. 127). Essa identificação “natural” entre Vargas e o “povo” é essencial na narrativa, tendo em vista que é a partir dela que as ações menos “lisas” de Getúlio são justificadas, e é ela que fornece a principal justificativa da afinidade entre Wainer e Vargas. O jornalista igualmente fora um menino pobre e ainda guarda um sentimento de identidade com esse “povo” e, assim como o presidente, quer fazer algo por essa “sociedade colonial, desprotegida, indefesa” (WAINER, 2003, p. 136).

Além do mais, a própria origem social e regional de Getúlio, homem fronteiriço, de hábitos simples, que permite a sua maior identificação com o “povo”, também possibilita a Wainer se sentir “à vontade” com seu novo amigo, ao contrário do que ocorria com os “barões” da imprensa e até mesmo com o aliado Juscelino Kubitschek. Este é descrito como um “um burguês do PSD, um brasileiro originário da classe média que gostava da vida com certo fausto, que sabia usufruir dos seus prazeres” (WAINER, 2003, p. 216) e que, diferentemente de Getúlio, “não sentia fascínio algum pelo contato direto com a massa trabalhadora” (WAINER, 2003, p. 219).

Desta maneira, não ficamos surpresos quando o autor nos relata que esses encontros na bucólica Fazenda Itu já lhe permitiram tomar consciência da “profunda afinidade” (WAINER, 2003, p. 28) entre suas idéias e as de Vargas, e deram origem à gênese de um projeto em comum: a criação do jornal *Última Hora*, uma “expressão do getulismo” através de uma “estreita vinculação com o povo” (WAINER, 2003, p. 162).

A *Última Hora* – “Um jornal vibrante, um jornal do povo”

Wainer relata que não tinha, em princípio, uma fórmula pronta para o seu jornal. A forma final foi obtida progressivamente e resultou em um periódico composto por dois cadernos. O primeiro era voltado às matérias de política e de economia. O segundo era dedicado a “assuntos mais amenos, como esportes e divertimentos”, que pudessem chamar a atenção da população de baixa renda.

Goldenstein afirma que a estratégia de sucesso usada por Wainer em seus jornais consistia em empregar técnicas para a conquista do público a serviço da divulgação da proposta do populismo varguista, “ou seja, a sedução da retórica populista combinou-se com a sedução das técnicas da indústria cultural” (1987, p. 47).

Entretanto, por nossa exposição é possível sugerir que a *Última Hora* não foi apenas a realização de uma fórmula manipuladora para satisfazer os objetivos de Vargas, mas também atendia a interesses específicos de Wainer e às condições objetivas derivadas da forma como ele se inseriu no campo jornalístico. A análise de seu relato, mesmo que indiretamente, permite reforçar ainda mais esta hipótese.

O próprio jornalista já nos dá a entender que, apesar de o *Última Hora* ter surgido de uma sugestão de Getúlio, há um bom tempo esperava a oportunidade de ter o seu jornal, pois não encontrava um lugar correspondente a seu talento na imprensa brasileira dos anos 50, dominada por uma elite de bem-nascidos e onde as relações de trabalho eram primitivas (WAINER, 2003, p. 118).

O argumento mais persuasivo, no entanto, está no formato encontrado para o jornal. Este corresponde não apenas à necessidade de dar vazão aos interesses de Getúlio mas também ao encontro entre o *habitus* social de Wainer e as possibilidades objetivas oferecidas pelo campo jornalístico na conjuntura da década de 50. Efetivamente, o sucesso dos jornais da cadeia *Última Hora* estava calcado na forma como Samuel soube aproveitar as condições

fornecidas pelo novo mercado de leitores e anunciantes que emergiam na sociedade brasileira com o crescimento industrial e urbano do pós-guerra.⁹

Entretanto, devemos salientar que essas possibilidades objetivas não estavam igualmente disponíveis para todos os agentes do campo. Para tornar o seu jornal a “expressão do povo” na grande imprensa, Wainer teve de introduzir ou enfatizar assuntos que atendessem ao gosto popular, como polícia e futebol. Além disso, passou a dar voz ao que chama de “cidade esquecida” (áreas das grandes metrópoles não-cobertas pela imprensa, como a Zona Norte carioca) e às “reivindicações” das camadas mais baixas da população, empregando uma linguagem diversa e que fosse acessível a esse grupo (WAINER, 2003, p. 146).

Essas iniciativas fundamentais dificilmente poderiam ser efetuadas pelo restante da grande imprensa, ao menos naquele momento e da forma pioneira de Wainer. Dirigida por uma elite e voltada para as camadas altas da sociedade, com textos longos e rebuscados, essa grande imprensa não tinha nenhum apreço pelo “populacho ignorante”¹⁰ e muito menos sabia dialogar com ele. Wainer, ao contrário, cuja origem social humilde impusera tantos limites à sua carreira de jornalista, tinha agora essa origem a seu favor. Embora não compartilhasse mais a realidade dos homens simples aos quais direcionava o seu jornal, a sua vivência de menino pobre, ainda presente em sua forma de ser, constituía uma forte condição de possibilidade para a identificação e para o diálogo com o “povo” que ele queria interpelar. Samuel, mais uma vez, demonstra uma rara consciência dessa situação. Ao justificar o seu sucesso em dissuadir sindicalistas paulistas que queriam fazer uma passeata em protesto contra JK, diz: “Expliquei (...) que, aos ouvidos daqueles trabalhadores, minha voz soara familiar. Nela eles haviam reconhecido a voz de seus avós, de seus pais, deles próprios. Era a voz do menino de Bom Retiro, a voz de alguém igual a eles” (WAINER, 2003, p. 222).

Conclusão

A análise da narrativa de vida de Samuel Wainer nos permitiu compreender que, como todo o texto biográfico, ele também obedeceu a constrangimentos formais próprios a esse tipo de relato. No caso em questão, o principal constrangimento esteve na necessidade de encaixar a história de vida em um recorte linear, fazendo com que os elementos múltiplos de seu passado fossem selecionados e perfilados em torno do eixo central que lhes dá unidade. O efeito de linearidade e a busca – muitas vezes forçada – de coerência produzem a ilusão narrativa de que os acontecimentos seguiram um curso em função de uma finalidade.

Para Wainer, essa finalidade foi a criação do jornal *Última Hora*. Esse fim não só guiou o seu relato de vida mas também serviu como justificativa ideológica para essa vida. Com efeito, conforme retrata o próprio autor, o seu objetivo sempre fora a “causa a que servia”, a “sua razão de viver”, materializada no jornal que fundou. Disso decorreu uma biografia narrada como se o futuro sempre estivesse contido, de forma embrionária, em seu passado. Decorreu também uma narrativa na qual o seu autor surge como um verdadeiro herói abnegado em prol de uma luta justa. Como concluiu Samuel, ao avaliar a sua trajetória: “Eu lutava por uma causa. Da mesma forma, fiz acordos e acertos que muita gente condena, mas também estava em jogo a sobrevivência da *Última Hora*. Nada guardei para mim” (WAINER, 2003, p. 261).

Por outro lado, através da análise deste texto, reconhecemos que tanto a história pessoal de Samuel quanto a sua narrativa sobre si mesmo só se tornam compreensíveis se levarmos em conta os constrangimentos estruturais que estão em sua base.

Em primeiro lugar, porque ambas foram condicionadas por seu *habitus* social. Produto da história que produz história, o *habitus* de classe é que permite a “conformidade das práticas e sua constância através do tempo, por intermédio de esquemas de percepção, de

pensamento e de ação depositada em cada corpo” (BOURDIEU, 1980, p. 91), os quais geram uma “capacidade infinita de engendrar em toda a liberdade (controlada) os produtos – que têm sempre por limites as condições historicamente e socialmente situadas de sua produção” (BOURDIEU, 1980, p. 92).

Em segundo lugar, porque também são o resultado e a expressão da trajetória social de Wainer. Como ressalta Bourdieu, compreender uma vida e o seu relato apenas como uma sucessão de acontecimentos sem qualquer ligação entre si, a não ser a associação a um sujeito, “é quase tão absurdo quanto tentar explicar a razão de um trajeto do metrô sem levar em conta a estrutura da rede, isto é, a matriz das relações objetivas entre as diferentes estações”. Só podemos entender uma trajetória construindo previamente “os estados sucessivos do campo no qual ela se desenrolou e, logo, o conjunto de relações objetivas que uniram o agente considerado [...] ao conjunto dos outros agentes envolvidos no mesmo campo e confrontados com o mesmo espaço dos possíveis” (BOURDIEU, 1996, p. 190).

Por fim, vale destacar que, ao salientarmos esses aspectos, não temos por objetivo colocar em dúvida a sinceridade de Samuel em fazer o seu relato. O que desejamos elucidar é que a sua narrativa de vida, embora ausente de uma censura consciente, está condicionada por constrangimentos que, se em parte limitam o seu agir e o seu pensar, em grande parte também lhe abrem possibilidades que dificilmente estariam disponíveis para agentes com uma origem e trajetória sociais distintas da sua. De fato, a riqueza do relato de Wainer como documento histórico está em sua capacidade de constituir, ao mesmo tempo, uma expressão desses condicionamentos e uma forma singular de revelá-los aos olhos de seus leitores.

The Paths of the Prophet: the autobiography of Samuel Wainer in *Minha Razão de Viver (My Reason for Living)*

Abstract: The present article is about the autobiography of Samuel Wainer, published in the posthumous book *Minha razão de viver*, and analyses the author's

point of view in accounting of his life, considering: the formal restraints of transforming his account into a story (biographic illusion, according to BOURDIEU); the structural restraints from the author's origin and social trajectory that are present in his story, by using BOURDIEU's notions of class habitus and social trajectory; and finally, the possibilities of the text in itself as a source of research, considering that, although he presents a particular point of view on the world he describes, it is a very rich evidence of it.

Keywords: Autobiography. Vargas. The press. Bourdieu.

Notas:

¹ Apesar de Vargas não se comprometer diretamente em bancar o jornal, os financiadores eram seus aliados, como Walter Moreira Salles, Euvaldi Lodi e Ricardo Jafet, presidente do Banco do Brasil (BB). Cada um contribuiu com 10.000 cruzeiros, porém, Jafet acabou utilizando verba do BB, dando margem à polêmica de favorecimento.

² Podemos encontrar uma análise desse processo em RODRIGUES, 1999.

³ Ver nota 2.

⁴ O livro de Wainer tornou-se um sucesso editorial. Para esse trabalho, emprego a seguinte edição: WAINER, Samuel. *Minha razão de viver*. 19. edição, Rio de Janeiro: Record. 2003.

⁵ A data exata de nascimento de Wainer, que seria um indicativo de sua naturalidade (ver nota 3), nunca foi revelada por ele.

⁶ Sobre isso, ver ABREU; LATTMAN-WELTMAN, 1996.

⁷ Consultar RIBEIRO, 2003.

⁸ “[...] casar-me com ela (Danuza) configurava mais uma afronta a uma sociedade que me encarara como intruso. Primeiro, o judeuzinho de Bom Retiro ousara juntar-se ao clube da imprensa. Agora casava-se com a musa do Country Club” (WAINER, op.cit., p. 176).

⁹ Quanto a essas novas condições, podemos consultar LAURENZA, 1998 e SILVA JR, 2004.

¹⁰ Sobre isso, consultar BOITO JR., 1982, p. 42.

Referências:

ABREU, Alzira Alves de; LATTMAN-WELTMAN, Fernando. *A imprensa em transição: o jornalismo brasileiro nos anos 50*. Rio de Janeiro Fundação Getúlio Vargas, 1996.

Cicatriz aberta ou página virada? Lembrar e esquecer...

- BOITO JR., Armando. *O Golpe de Estado de 1954: a burguesia contra o populismo*. São Paulo: Ática, 1982.
- BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996. p. 183-189.
- _____. *Le sens pratique*. Paris: Ed. Minuit, 1980.
- GOLDENSTEIN, Gisela. *Do jornalismo político à Indústria Cultural*. São Paulo: Summus, 1987.
- GOMES, Ângela de Castro. Escrita de si, escrita da História: a título de prólogo. In: _____. (org.). *Escrita de si, escrita da História*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2004.
- SILVA JR, Gonçalo. A guerra dos gibis: a formação do mercado editorial brasileiro e a censura aos quadrinhos (1933-1964). São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- LAURENZA, Ana Maria de Abreu. *Lacerda x Wainer: o corvo e o bessarabiano*. 2 ed. São Paulo: Ed. SENAC, 1998.
- RIBEIRO, Ana Paula Goulart. Jornalismo, literatura e política: a modernização da imprensa carioca nos anos 1950. *Estudos Históricos, Mídia*, n. 31, 2003.
- RODRIGUES, Mônica Soares. *Pelas lentes da Tupi: uma leitura do campo jornalístico no final da Era Vargas*. Rio de Janeiro: UFRJ/IFCS, 1999. mimeo.
- WAINER, Samuel. *Minha razão de viver: memórias de um repórter*. 19. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

Recebido em 19/10/2007.
Aprovado em 02/01/2008.